A hombridade feminina

Bárbara Guatimosim
Zilda Machado

Quando se fala em viril,
sempre se está falando de uma mulher.[1]
Jacques Lacan

[1] Lacan. *O Seminário - O saber do Psicanalista* (1972, aula de 1 de junho de 1972).

Com base no filme iugoslavo *Virgina*[2], pretende-se acompanhar o percurso da personagem que é uma menina, criada e destinada, desde seu nascimento, a ser um homem ou a morrer. Essa condição alienante é tida como necessária para salvar sua família da maldição celeste, ouvida nas mensagens enviadas por São Jorge que são recebidas e interpretadas por seu pai e a comunidade de camponeses em que vivem.

[2] Dirigido por Srdjan Karanovic e com ótima atuação de Marta Keler.

A família dessa menina estava acometida da desgraça de ter dado à luz a uma prole do sexo frágil. Segundo a tradição, na ausência de um descendente macho, uma das fêmeas devia ser nomeada "Virgina", para assim ser, como homem. Esse rebento, portanto, era para a família a última chance de virar a sorte do clã, que vivia na mais desértica miséria e ainda era responsável pela falta de chuvas na região e a ausência de bênçãos dos céus.

Desde então, a criança e sua família vivem para não serem esquecidas por Deus, sob o peso desse ditame e da denegação da realidade sexual da menina. Há um "nomear para ser" que se antepõe à nominação "Stevan" pelo batismo: será Virgina.[3] Segundo Lacan[4], quando essa condição "nomear para" se antecipa, por um projeto materno, à nomeação do pai, pode submeter o sujeito à entrada em uma alienação catastrófica. Nesse caso, porém, vemos o contrário. É a mãe quem não se conforma com essa nomeação "para ser" homem e barra a "lei de ferro" do projeto paterno, abrindo ao sujeito a via do parecer, do semblante, da falta-a-ser, e proporcionando uma saída da alienação em nome próprio. A mãe não exerceria nesse caso uma função paterna?

[3] No momento do batismo, o pai diz: "Vai viver e ser um homem para acalmar São Jorge"; ouve-se, em contraponto, o desejo da mãe: "Deus, faça com que ela seja feliz. Não peço o melhor nem o pior, só que ela seja pura e feliz".

[4] Lacan. *O Seminário – livro 21: Les non-dupes errent* (1973-1974), (Inédito, aula de 19 de março de 1974).

Apesar de inicialmente submetida ao semblante de menino, essa criança, portanto, é compelida, desde muito cedo, ao feminino, brincando às escondidas de mãe e de mulher. Criada para ser menino mas convivendo em uma família essencialmente

feminina, a menina descobre com a mãe o sofrimento decorrente da privação do pênis, confundida com a miséria e com o preconceito depreciativo, mas isso não a afasta dos deleites da maternidade, dos quais goza ao surrupiar a bonequinha de uma irmã e criar um espaço lúdico que instaura cavando um buraco no muro feito para conter a Virgina.

Assim, começa a se insinuar a posição sexual do sujeito. Como, desde muito cedo, foi estimulada a brincar com garotos, ela exercia com o colega Mijat a amizade e a disputa fálicas. Já com as garotas, a relação era diferente. O assédio da que lhe havia sido prometida em casamento não só não encontrava ressonância, como já refletia sua identificação com o feminino. É também na companhia do parceiro que a nossa personagem assiste aos jogos sexuais da irmã mais velha com o namorado, irmã que ainda lhe desvela a fruição sexual do corpo de mulher.[5] Mijat, eleito entre outros, tem função significativa na vida de Virgina, pois vê a mulher como objeto de desejo pelo que ela não tem, atribuindo à maternidade um valor que escapa aos homens. Ele diz: "As mulheres não são como nós, são invertidas, e se abrem assim... É por isso que gostamos delas. Quando casamos, ficamos excitados, entramos nelas e elas têm filhos. Não podemos ter filhos, só elas podem". Entendemos que essas novas experiências levam a garota "Stevan", *a posteriori,* a conjugar amorosamente o fato de gozar sexualmente de seu corpo de mulher, com a privação feminina do órgão, e o desejo de ter um filho. Nesse caso, cabe a fórmula de Lacan: "Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo"[6].

Apesar de a maternidade ser vista, por alguns, como plenitude, é nos casos mais felizes que vemos o quanto a criança presentifica a castração, escancarando a perda para a mãe. O que essa experiência subjetiva sugere é que o acesso à maternidade pode ser, e é em muitos casos, a veia aberta para o feminino, toda vez que o filho reenvia a mãe, como mulher, a um homem e ao gozo Outro, além do fálico. Perguntamos, então, se abrigar um bebê e abrigar um pênis[7] não seriam uma dupla via aberta pelo consentimento em relação à castração, como abrigo da perda, e não uma encruzilhada que excluiria a via materna da via feminina. Uma mãe suficientemente mulher é, portanto, duplamente não-toda. Como diz Lacan, "convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno"[8]

Apesar da carga da destinação não só familiar, mas também religiosa da comunidade em que vivia, que oferecia ao

[5] A irmã lhe diz ao ser surpreendida tomando banho: "Fico feliz por Deus ter me dado isso".

[6] Lacan. *Le Séminarie – livre 10: L'Angoisse* (1962-1963/2005, p. 209).

[7] "A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina agora é valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero". Freud. A organização Freud indica aqui uma saída para a inveja do pênis, pela qual a feminilidade se liga à maternidade. Já Lacan vai atribuir à castração, a virilização do homem para a mulher, despertando "esse íncubo ideal que uma receptividade de abraço apertado tem que se remeter como uma sensibilidade de bainha sobre o pênis". Lacan. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960/1998, p. 733).

[8] *Ibid,* p. 739.

descendente masculino uma posição fálica privilegiada, a dita "Virgina" se revela suficientemente potente para enfrentar sua sina familiar e social, e avançar na posição feminina.[9]

Diante do sacrifício fatal da mãe que tenta gerar um filho para libertar a filha desse destino, esta libera, ex-pulsa em ato a sua própria escolha, com todas as conseqüências que disso decorrem. Rompe o juramento feito pelo pai a São Jorge de se manter na função de homem, rompe com o pai que suspira por Um salvador, ao dizer: "Pode me matar, mas nunca mais serei homem, já disse isso a São Jorge", para partir com o parceiro, para quem "as mulheres são belas e tão fortes quanto os homens", e adotar a irmã recém-nascida, mais uma menina, fruto que a mãe pagou com a própria vida.

Desse destino, a que estava subjugada, a garota se separa com tal força, que acaba sendo reconhecida pelo pai em seu último instante de vida. Diante do vigor do desejo da filha, ele diz: "Finalmente, entendi sua mensagem, São Jorge... Eu já tenho um filho... e o melhor de todos". Nesse filme, intriga o fato de que a identificação fálica[10], pela qual a personagem "Virgina" não deixa de passar, poderia ser, como em tantos casos que vemos na clínica, a escolha menos surpreendente, ou melhor, sobretudo nesse filme, no qual a posição fálica é exigida de forma evidente, sendo ainda estimulada e favorecida.

No que diz respeito à sexuação, Lacan comenta, em vários momentos de sua obra, que não há no psiquismo como repartir os seres falantes em machos e fêmeas, sendo isso que entrava a relação sexual. O sexo, portanto, é uma escolha de cada um. Com Lacan, isso pode ser dito assim:

> O ser sexuado não se autoriza senão de 'si mesmo', no sentido de que pode escolher, quero dizer que aquilo a que cada um se limita, para classificá-lo homem ou mulher no estado civil, não impede que ele possa escolher. Isto, por certo, todo mundo sabe. O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo; mas acrescentaria: 'e por alguns outros'.

Não pelo destino da anatomia, nem pela lei da voz do Outro, além de precisar a sexuação como opção, o filme ainda mostra que a *hombridade* não é prerrogativa de um sexo ou de outro, mas uma coragem de homens e mulheres. Conquista do ser falante, ao se posicionar diante da castração, respondendo com a ereção não do falo – o que se tem ou não se tem, o que se é ou não se é –, mas do ser do desejo – presença real, quando Φ[11]

[9] "Poderíamos dizer que a mulher é sem tê-lo (o falo). O que pode ser vivido muito penosamente sob a forma do *Penisneid*, mas que – acrescento ao texto – é também uma grande força". Lacan. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1961, p. 231).

[10] Segundo Freud, em sua conferência sobre a feminilidade e em *Sexualidade feminina*, a descoberta da menina de que não tem pênis representa um marco decisivo no seu crescimento. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e ainda à homossexualidade; e, por fim, a que conduz à via da feminilidade normal, quando a menina toma o pai como objeto. Freud. Conferência XXXIII – Feminilidade (1933); e Sexualidade feminina (1931)

[11] Além de símbolo da significação fálica, lembrada aqui como letra de gozo e de desejo, que, por não se articular, ultrapassa o sujeito porque só pode formular-se em ato.

é solidário de S(Ⱥ). Desejo causado pelo objeto *a*, o real da castração, quando "a mulher é o futuro do homem"[12], futuro daqueles que ousam fazer essa escolha. Sendo a sexuação um percurso deflagrado a partir da disjunção dos sexos desde o falo, a inscrição na significação fálica é possível ou mesmo necessária (excluída a psicose) para todo ser falante, mas a via feminina não se apresenta para todos. Somente uma escolha decidida, um consentimento não necessário e nem impossível, porém contingente, leva homens e mulheres à posição feminina, de onde se pode desejar e consentir em ser tomado como objeto para o parceiro no encontro sexual, bem como extrair dessa posição sua cota de gozo[13], acedendo ainda a um Outro gozo além do fálico. Um gozo que, sem negar o falo, ausenta-se aí como não-todo presente. Talvez dessa posição advenha para o ser falante o que chamamos *hombridade*, força que emerge de onde não há o que se perder.

No filme *Virgina*, vemos a decadência a que pode chegar uma comunidade que se sustenta na nostalgia suspirante do Um. O não-todo sempre abre para o Outro, para o "mais de um" fazendo corte com o Um universal, pelo qual todo homem suspira. O laço social na lógica do feminino se constitui por um furo central, que se guarda da completude e abre o espaço da ausência real, que promove a desmontagem do saber para dar lugar aos achados, pedaços de saber, deixados à invenção de quem puder fazer avançar os encontros. E é preciso que haja mais de um para que a chance de achar seja maior para todos, no exercício do entusiasmo aberto às descobertas e à diferença. Isso nos reporta à personagem de outro filme, *A domadora de baleias*, no qual a menina, mergulhada em uma estória semelhante, conclui: "É preciso não apenas um, mas vários chefes, até porque um se cansa". E cansar, pode-se dizer, leva não só ao desânimo, como também à tirania.

Isso corresponderia a deixar os laços um pouco mais ao sabor da contingência. Segundo Alain Badiou, "podemos dizer que uma mulher tem sempre esta honra de não suspirar pelo Um"[14]. É também a honra de Lacan, como ele próprio nos diz... no *...Ou pior*. É na experiência real de um despertar particular, portanto, que pode nascer um sujeito no feminino, não-todo, porém capaz de sustentar em ato a construção de seu destino, mais aberto à ventura de viver.

[12] Expressão extraída de um poema de Louis Aragon, conforme citação de Marie-Jean Sauret em conferência proferida em São Paulo, em 1999.

[13] "Ver nisso justamente uma virtude do homem, a virtude justamente pela qual ele se mostra, ele se mostra no que ele tem de melhor, ser passivo". Lacan. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972)

[14] Badiou. Lacan: a antifilosofia e o real como ato (1997).

referências bibliográficas

BADIOU, Alain. Lacan: a antifilosofia e o real como ato, *Letra Freudiana,* Rio de Janeiro, n. 22, 1997.

FREUD, SIGMUND. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIX.

FREUD, SIGMUND. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

FREUD, SIGMUND. (1933). Conferência XXXIII: Feminilidade. Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXII.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 10: L'Angoisse* (1962-3). Paris: Seuil, 2004.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 21: Les non-dupes errent* (1973-4). Inédito

SAURET, Marie-Jean. A mulher é o futuro do homem. Trabalho apresenado no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 1999, set., São Paulo, Brasil.

resumo

A partir do filme iugoslavo *Virgina*, procuramos trabalhar a sexuação como um trajeto em que o feminino surge de maneira contingente, para além da disjunção sexual operada pelo falo. Trata-se de um modo de ler a frase "a mulher é o futuro do homem". Aí, homens e mulheres, para além da lógica do ter ou do ser, responderiam com o ser do desejo – coragem que nomeamos "hombridade feminina".

palavras-chave

pai, mãe, sexuação, desejo, gozo.

abstract

From the Yuguslavian's film *Virgina*, the aim of this text is to consider sexuation as a process in which the feminine appears in a contingent form, beyond the sexual disjunction operated by the phallus. It is a way of realizing the sentence "the woman is the future of man". In this reading, both men and women, beyond the logic of the to be or the to have, respond with desire – a courage we named as "feminines's hombridade".

key words

father, mother, sexuaction, desire, enjoyment.

recebido

07/04/2005

aprovado

05/05/2005